



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
CAPÍTULO 2	14
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
CAPÍTULO 3	24
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
CAPÍTULO 4	34
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
CAPÍTULO 5	49
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
CAPÍTULO 6	56
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
CAPÍTULO 7	69
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
CAPÍTULO 8	83
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

CAPÍTULO 9	97
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
CAPÍTULO 10	107
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
CAPÍTULO 11	123
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
CAPÍTULO 12	135
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
CAPÍTULO 13	146
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
CAPÍTULO 14	161
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
CAPÍTULO 15	175
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
CAPÍTULO 16	192
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO: DE ONDE VEM O RACIONAIS?</i>	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
CAPÍTULO 17	205
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

CAPÍTULO 18	222
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
CAPÍTULO 19	240
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
CAPÍTULO 20	250
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
CAPÍTULO 21	262
A JORNADA DO HERÓI COMO MÉTODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
CAPÍTULO 22	272
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
CAPÍTULO 23	284
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
CAPÍTULO 24	296
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

CAPÍTULO 25	307
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
CAPÍTULO 26	312
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
CAPÍTULO 27	325
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
CAPÍTULO 28	334
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
CAPÍTULO 29	342
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
CAPÍTULO 30	354
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	366

O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO

Aguinaldo Coelho

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais
Goiânia, Goiás, Brasil

RESUMO: O I Salão Global da Primavera foi realizado em Brasília, em 1973, pela Rede Globo de Televisão (TV Globo de Brasília – Canal 10) e Jornal O Globo, com as colaborações do Governo do Distrito Federal (Fundação Cultural do Distrito Federal) e do Estado de Goiás, para artistas residentes no estado de Goiás e em Brasília. O objetivo dos realizadores era fazer levantamento e divulgar a arte destes locais e adquirir acervo para a coleção da Rede Globo. Com júri de atuação nacional (Clarival do Prado Valadares, Olívio Tavares, Jayme Maurício, Hugo Auler e José Roberto Teixeira Leite), e muitos prêmios oferecidos, foi um salão com grande interesse por parte dos artistas e do público. Conquistaram os prêmios principais Rubem Valentim, já consagrado, e os iniciantes Siron Franco, Cleber Gouveia, Heleno Godoy, de Goiás, e a dupla Antônio Wanderley e Roseane Marie Alvim, de Brasília. Foi intensamente noticiado na imprensa local e nacional. A participação dos artistas de Goiás causou positiva surpresa para os críticos, conforme declararam em artigos no jornal O Globo (RJ) e revista Veja da época. Os

dados foram levantados por meio de pesquisa bibliográfica; pesquisa de documentos e entrevistas, realizadas com artistas participantes do evento e testemunhas do mesmo. Devido à exigüidade de estudos sobre este Salão, esta pesquisa pretende contribuir para o registro e enriquecimento da História da Arte do Centro Oeste.

PALAVRAS - CHAVE: salão de arte, arte no centro oeste, sistema da arte.

ABSTRACT: The First Spring's Global Competitive Fair was held in Brasília, in 1973, by Globo Television Network and Newspaper, with the collaboration of the Governments of the Federal District and the state of Goiás, for artists who resided in Brasília and Goiás. The organizer's objective was to survey and promote the Art of these places and acquire art works for Globo Network collection. With jury members' quality (Clarival do Prado Valadares, Olívio Tavares, Jayme Maurício, Hugo Auler e José Roberto Teixeira Leite) who were critics with a highly recognized track, such as São Paulo Biennial and wrote for national media, besides the plenty of prizes offered it was a competitive fair that gathered a lot of interest by the artists, who applied for participating in great number and also by the public. To the awarded and selected veterans like Rubem Valentim, who won the first place, and beginner artists such as Siron

Franco, Cleber Gouveia, Heleno Godoy, from Goiás, and the couple Antônio Delel and Roseane Marie Alvim, from Brasília, this Competitive Fair was massively reported in the local and national press. The artists of Goiás caused a positive surprise for the critics. The data was collected through bibliographic research, documental research and interviews with artists. Due to the scarcity of studies about the First Spring's Global Competitive Art Fair, this work intends to contribute for the register and enrichment of the Art History of the Brazilian Centrewest.

KEYWORDS: Art in Centrewest, Competitive Art Fair, System of the Art.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o I Salão Global da Primavera, realizado em Brasília, em 1973, pela Rede Globo de Televisão (TV Globo de Brasília – Canal 10) e Jornal O Globo, com as colaborações dos Governos do Distrito Federal (Fundação Cultural do Distrito Federal) e do Estado de Goiás, para artistas residentes no estado de Goiás e em Brasília, conforme catálogo do evento e divulgação nos jornais Correio Brasiliense e Jornal de Brasília, de Brasília, o Popular, de Goiás, O Globo e Revista Veja, do Rio de Janeiro. Este artigo foi publicado em sua primeira versão nos Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, realizado em Goiânia – GO.

Esta pesquisa, desenvolvida no Pós Doutorado no PPGA - Instituto de Artes da UNB, sob supervisão do Prof. Dr. Emerson Dionísio de Oliveira, enfocou este salão de arte na tentativa de compreensão dos espaços de produção, circulação, exposição e arquivamento da produção artística nos anos de 1970, notadamente em Brasília e estado de Goiás, envolvendo salões de arte, coleções e acervos de arte, realizadores institucionais, divulgadores - notadamente a imprensa escrita, críticos, artistas participantes e modalidades de exibição, enfim, os atores do sistema da arte.

Os dados foram levantados por meio de pesquisa bibliográfica; pesquisa de documentos e entrevistas realizadas com artistas participantes do evento e testemunhas. A pesquisa documental utilizou-se de catálogos de exposições, livros, Jornais e Periódicos da década de 1970, do Rio de Janeiro, de Goiás e Brasília, sites relacionados e referenciais teóricos sobre os salões de arte, sob o viés da sociologia da arte, memória, história cultural e história da arte.

As intenções da realização do evento, pelo menos as iniciais, estão expressas nas palavras de Roberto Marinho, dono da Rede Globo, publicadas no jornal O Globo (“Brasília abre com 168 obras o I Salão Global da Primavera”, de 20/11/1973, p. 3). Informava que o jornal O Globo e a Televisão Globo inauguravam o I Salão Global da Primavera, dentro do programa de estimular as artes plásticas em nosso País e que um júri de alto nível, composto de cinco membros, havia examinado 1.200 trabalhos de 400 artistas e selecionando 163 obras de autores de Brasília e Goiás.

Mencionava que a iniciativa integrava o Plano de Ação Cultural do Ministério de Educação, atendendo ao objetivo da Organização Globo de agregar à informação

jornalística a prestação de serviços de interesse público, neste caso a informação cultural, por meio da exposição artística. Tentavam ampliar as “dimensões qualitativas do público receptor”, valorizando o apoio aos que buscam o primeiro acesso aos bens culturais ou oportunidades de afirmação vocacional, estabelecendo o contato dos novos valores com os apreciadores da obra artística.

O texto do Diretor Regional da Rede Globo Brasília, Antônio Coutinho de Lucena, no catálogo do I Salão Global da Primavera, seguia o modelo da mensagem de Roberto Marinho, informando que a Rede Globo é um veículo de prestação de serviços à comunidade, com recreação, informação, educação e que um público de quase 1/3 da população brasileira assistia diariamente a programação da REDE GLOBO. Esta programação era cuidadosamente elaborada, desprezando a violência para dar ênfase aos valores humanos e culturais, com foco nas crianças, preparava-se para construir a sociedade de amanhã.

2 | CARACTERÍSTICAS

Previa o edital do I Salão Global da Primavera vasta premiação, incluindo 5 Prêmios de Viagem, ao exterior e no Brasil e Prêmios de Aquisição. Dos conjuntos premiados com viagem, uma das obras integraria o acervo da Rede Globo. A empresa iria adquirir também outras obras, a título de prêmios de aquisição (O Globo, “Rede Globo Promove Salão da Primavera”, 30/08/1973, p. 16.)

Auler publicou em sua coluna no Correio Brasiliense (12/09/1973, 2ª. página) que no caso dos consagrados, seria uma oportunidade de mostrar as suas últimas criações e ainda: o I Salão Global da Primavera englobaria as categorias pintura, desenho, escultura, gravura, objeto e “demais manifestações atuais da criação artística contemporânea”. Percebe-se a intenção de envolver arte contemporânea e vanguardas, embora o salão tenha contemplado poucos trabalhos neste perfil e tenha selecionado, inclusive, artistas importantes para as regiões, mas com trabalhos acadêmicos. Segundo o jornalista, os artistas eram obrigados a concorrer com obrigatoriamente 3 trabalhos em cada categoria que se inscrevessem e que poderiam as inscrições ser individualmente ou em equipe.

A inscrição seria feita com as próprias obras e não por meio de dossiês ou projetos, como atualmente nos grandes salões e a iniciativa era restrita à artistas brasileiros e estrangeiros radicados no Distrito Federal e no Estado de Goiás (Correio Brasiliense, Atelier, 27/09/1973, 2ª. página).

A inauguração foi anunciada para ocorrer em 19 de novembro de 1973, ficando exposta até 30 de novembro no Palácio do Buriti em Brasília e, em 10 de dezembro do mesmo ano, haveria a abertura da exposição em Goiânia, no Centro Administrativo, permanecendo até 16 de dezembro, conforme catálogo do evento e diversas matérias na imprensa. Contou com intensa colaboração da mídia, tanto dos jornais de Brasília,

Correio Brasiliense e Jornal de Brasília, como no jornal O Globo do Rio de Janeiro e no Jornal O Popular, de Goiânia, notadamente para divulgação e inscrição dos artistas goianos. Este jornal de Goiânia fazia parte do Grupo Jaime Câmara (hoje Organização Jaime Câmara), juntamente com a TV Anhanguera, que era afiliada da Rede Globo de Televisão.

Como informou em sua própria coluna o jornalista Domiciano de Faria, editor do jornal O Popular na época, ele era o responsável em Goiás pela realização do Salão Global da Primavera. Domiciano de Faria era também o diretor do Departamento de Cultura do Governo do Estado na época, parceiro do evento. O lançamento foi noticiado em 1º de setembro de 1973, com o título “Oportunidade para artistas de Goiás e DF” e mencionava a Rede Globo de Televisão como realizadora, além dos auspícios do governo do Estado de Goiás. Evidentemente a participação da Rede Globo como realizadora aumentava em muito o interesse dos artistas em participar e também aos governos apoiadores. Além de anunciar Domiciano de Faria como coordenador do Salão Global da Primavera em Goiás, a matéria citava ainda Edwaldo Pacote, diretor da Rede Globo (o Popular - Coisas e Fatos – Domiciano de Faria, 01/09/73 – p. 02).

O corpo de jurados era composto por críticos notórios que atuavam nas Bienais de São Paulo, em importantes veículos da imprensa (Jornais O Globo, Correio da Manhã, Correio Brasiliense e Revista Veja) e nos grandes salões nacionais: Clarival do Prado Valadares, Hugo Auler, Jaime Maurício, José Roberto Teixeira Leite e Olívio Tavares de Araújo, todos membros da Associação Brasileira de Críticos de Arte, sendo que Valladares, Auler, Jayme e Teixeira Leite já haviam integrado júri internacionais (Conforme Catálogo do I Salão Global da Primavera e matéria no O Popular, 18/10/1973, p. 3). Jayme Maurício escrevia no Correio da Manhã, José Roberto Teixeira Leite escrevia no O Globo, Olívio Tavares de Araújo na Revista Veja e Hugo Auler no Correio Brasiliense. Auler, desembargador e crítico de arte, residia em Brasília. Foi jurado de vários salões de arte e da Bienal de São Paulo.

Tal expediente, de convidar jurados notórios era utilizado por vários salões dos Estados periféricos aos grandes centros como forma de valorizar o evento, referendar e dar visibilidade aos artistas selecionados e ao acervo dele decorrente. Os salões proporcionavam circulação da produção artística e reflexão sobre esta produção, além de ser instância de legitimação da arte. Nesse sentido o salão era um importante ator do Sistema da Arte.

A participação de Hugo Auler no I Salão Global a Primavera era bastante interessante ainda pelo fato de que mantinha coluna no Correio Brasiliense chamada Atelier, onde dava notícias da arte que acontecia em Brasília e nas capitais, principalmente Rio de Janeiro, além de divulgar os artistas da Capital Federal. O jornalista, portanto, conhecia os artistas atuantes em Brasília. Já os de Goiás, Auler conheceu principalmente num evento por ele realizado em 1970, em Goiânia, a I Bienal de Artes Plásticas de Goiás. Como fazia parte do corpo de jurados da Fundação Bienal de São Paulo, realizou o citado evento em Goiânia, em 1970, que tinha a natureza das

exposições regionais que funcionavam como prévia para a XI Bienal de São Paulo (“etapa” Nacional). Os artistas selecionados nesta Bienal goiana, participariam da Pré-Bienal de São Paulo (ou bienal nacional). Hugo Auler representava a Fundação Bienal e também Associação Brasileira de Críticos de Arte, co-realizadoras da referida I Bienal de Artes Plásticas de Goiás, juntamente com o Governo de Goiás e Prefeitura de Goiânia. O Júri foi constituído por Hugo Auler, Alcides da Rocha Miranda, ex-professor da UNB e Iulio Brandão, professor de Ética e Filosofia na UNB. Tais dados estão no Catálogo desta Bienal e no jornal O Popular, de 14/06/1970, coluna de Domiciano Faria e também no Correio Brasiliense, de 26 de junho de 1970 – Caderno 2 – 2ª. página, Atelier. A I Bienal de Artes Plásticas de Goiás foi instituída pelo Decreto - Lei n.201 de 2 de junho de 1970, do Governador do Estado, Otávio Lage.

Auler explicou que a Rede Globo estava utilizando a sua coluna para convidar todos os artistas goianos para a reunião que seria realizada em Goiânia (no Museu Estadual, hoje Museu Zoroastro Artiaga, localizado na Praça Cívica) com a finalidade de dar conhecimento das bases do I Salão Global da Primavera, reforçando o convite para aqueles que participaram da I Bienal de Artes Plásticas de Goiás. Nela citou os artistas que participaram da I Bienal de Artes Plásticas de Goiás: Anna Maria Pacheco, Cleber Gouveia, Vanda Pinheiro Dias, Heleno Godoy, Cirineu de Almeida, D.J. Oliveira, Isa Costa, Tancredo de Araujo, Whashington Honorato, João Batista Rosa, Leonam Fleury, Laerte Araújo, Thomás Ritter, Gustav Ritter, Reinado Barbalho, Zofia Stamirowska e Liselote Thilde de Magalhães. Citou ainda Siron, Amaury Menezes e Maria Guilhermina, que não participaram desta 1ª. Bienal de Goiás (Correio Brasiliense, Atelier, 30/08/1973).

Também em Brasília, no primeiro semestre de 1970, aconteceu o I Encontro dos Artistas Plásticos de Brasília para selecionar os artistas que representariam o Distrito Federal na Pré-Bienal de 1970. A exemplo da I Bienal de Goiás, foi organizado igualmente por Hugo Auler, representando a Fundação Bienal de São Paulo e a Associação Brasileira de Críticos de Arte, com apoio do Governo de Brasília conforme matéria de sua autoria no Correio Brasiliense de 21/03/1970 (2ª. página, Caderno 2). Excetuando-se os artistas Marcos Vinícius e Rosane Marie, os demais selecionados não participaram do I Salão Global da Primavera. Para Auler, a ausência dos artistas selecionados pode ter contribuído para a impressão de que a representação de Brasília no Salão Global tinha sido superada pela de Goiás, externada pelos jurados Jayme Maurício, em seu artigo “O Encontro nas Artes Plásticas” (O GLOBO, 28 de dezembro, p. 03), Olívio Tavares de Araújo (revista Veja, 28/11/73, p. 133, “Surpresas Goianas”) e até mesmo Hugo Auler,(Correio Brasiliense, 05/12/1973, 8ª p., Caderno 2). Os artistas goianos, dos que participaram da I Bienal de Goiás, a maioria se inscreveu no I Salão Global da Primavera e muitos foram selecionados.

3 | ATRATIVOS

Conforme diz Oliveira (2009, p.35) “os acervos são, a seu modo e finalidade, mantenedores e fixadores de uma pequena parte da escrita da memória artística de uma sociedade (e geralmente acreditam ser o melhor que há nela)” e museus e acervos “são organizadores da escrita da memória no âmbito artístico ou no urbanístico...” (OLIVEIRA, 2009, p. 43). Isso contribui para o interesse dos governos de realizar tais eventos. As cerimônias de abertura, nos dois locais, contaram com a presença dos respectivos governadores, sendo que a de Brasília contou ainda com 3 ministros, com o Secretário de Educação do DF e do Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. Em 25/11/1973, na coluna de Domiciano de Faria no Jornal O Popular, está publicada a foto do Governador de Goiás, Leonino Caiado, entregando o prêmio do I Salão Global da Primavera a Siron Franco. Em 11/12/1973, Domiciano de Faria noticiou que na abertura em Goiânia o Diretor da Rede Globo, Walter Clark mandou discurso para ser lido no evento, que aconteceu no andar reservado ao Governador (10º andar do Centro Administrativo, na Praça Cívica).

Aumentava ainda a expectativa de sucesso o fato de ter o antecedente de sucesso em Minas Gerais, que foi o I Salão Global de Inverno, realizado no mesmo ano pela TV Globo de Minas. Morici confirma que o Salão Global de Inverno “serviu de estímulo e embrião para o Salão Global da Primavera, realizado pela Rede Globo Brasília e o Salão Global de Verão, promovido no Nordeste” (Morici, 2006, p. 42). Tal opinião também é compartilhada por Franco Terranova, dono da Petite Galerie no Rio de Janeiro e, também, estimulou a criação da Galeria Arte Global, de caráter permanente, em São Paulo. Terranova era o diretor da Galeria Arte Global. A Galeria de Arte Global era de propriedade da Rede Globo, provavelmente criada em 1973 por Walter Clark e tinha a direção geral de Franco Terranova, com a participação das marchands Raquel Arnaud (proprietária do Gabinete de Arte Raquel Arnaud) e Monica Filgueiras (Gabinete de Artes Gráficas).

Conforme verificamos no relato de vários artistas entrevistados, de Goiás e de Brasília, que participaram do Salão Global, todos afirmavam a excelente oportunidade de divulgação que o evento oferecia pela força de comunicação da TV Globo Brasília, aspecto que os estimulou a participar do salão. Foram entrevistados em 2017 os artistas de Goiás, Leonam Fleury, Roosevelt Lourenço, Siron Franco e Heleno Godoy, em Goiânia e de Brasília: os artistas Minnie Sardinha, Luiz Augusto Jungmann Andrade (Girafa) e o artista e professor da UNB, Elieser Szturm, que não participou do Salão mas presenciou a mostra em Goiânia. O artista Antônio Wanderley Santos Amorim (Delei) foi entrevistado em 2018.

As numerosas matérias dos Jornais O Popular, Folha de Goyaz, Correio Brasiliense e Jornal de Brasília confirmavam esse aspecto. As matérias publicadas no Jornal O Globo e na Revista Veja, já citadas, corroboravam esta avaliação.

4 | O JULGAMENTO

A Ata do júri de Seleção e Premiação foi elaborada em 14 de outubro de 1973. Faz constar que o Júri reuniu-se em Brasília, nos dias 11,12,13 e 14 de outubro de 1973.

Como previsto pelo Regulamento, foi feita nos dias 11 e 12, a seleção das obras inscritas. Estabeleceu-se como critério básico de julgamento, o nível qualitativo e, também, assegurar clara representatividade da criação dos artistas, que resultava num processo de levantamento regional pela própria natureza do salão. A premiação foi decidida na reunião do dia 13 de outubro. Fixou-se unanimemente o critério prévio de só serem discutidos para premiação os artistas que tivessem sido aceitos com três obras na categoria inscrita. Auler (1973, 8ª. página) fez uma grande matéria sobre o I Salão Global da Primavera, onde comentava o rigor da seleção por parte dos jurados, sendo nominados como “Prêmio Governo do Distrito Federal”, “Prêmio Governo do Estado de Goiás”, “Prêmio Rede Globo”, “Prêmio O Globo” e “Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal”, respectivamente os conferidos do primeiro ao quinto prêmio. Os 15 prêmios de aquisição foram nomeados “Prêmio Canal 10 de Brasília”.

O Júri chegou às conclusões abaixo relacionadas, pelos motivos que são expostos em cada caso:

1 – Prêmio de Viagem à Europa e ajuda de custo de US\$ 1.000,00 conferido por unanimidade a Rubem Valentim, pela força e coerência de sua obra, baseada em fundamentos regionais permanentes na obra do artista, num plano de significação universal. O Júri considerou como “raro exemplo de humildade intelectual e confiança na própria pintura”, dado por Valentim, por ter-se inscrito num concurso, sujeito a seleção e concorrência, sendo artista consagrado .

2 – Prêmio de Viagem ao México e ajuda de custo de US\$ 750,00 conferido por unanimidade a Siron Franco, pela evidência de seu jovem talento em emergência, com obras de vigor expressionista e clima surrealista bastante originais.

3 – Prêmio de Viagem ao Peru e ajuda de custo de US\$ 500,00 conferido por unanimidade a Cleber Gouveia, pela realização de uma obra com qualidades plásticas próprias e maturidade.

4 – Prêmio de Viagem à Argentina e ajuda de custo de US\$ 500,00 conferido por unanimidade a Heleno Godoy, pela linguagem monumental de força e impacto, em sintonia com a produção da gravura atual brasileira.

5 – Prêmio de Viagem ao Nordeste e ajuda de custo de Cr\$ 1.000,00 conferido por unanimidade à equipe Antonio Wanderley Santos Amorim/ Rosane Marie Alvim Carneiro, representando tendências mais vanguardistas e inquietas com os processos e funções da criação”.

Em seguida selecionaram os prêmios de aquisição previstos no art. 23 do Regulamento:

1 – A.C.Veiga, “Flórida”, 0,70 x 0,50 fotografia CR\$ 120,00

- 2 – Charles Mayer, “Tanatos IV”, 0,78 x 0,46, monotipia, CR\$ 1.800,00
- 3 – Dirso J. Oliveira, (D. J. Oliveira) “Os Trilhos”, 0,79 x 0,67, gravura, CR\$ 750,00
- 4 – Douglas Marque de Sá, “Pintura nº 2”, 0,99 x 0,67, CR\$ 3.000,00
- 5 – João Frank da Costa, “Cabeça de Touro”, 0,55 x 0,77, escultura, CR\$ 4.000,00
- 6 - Joaquim Paiva, “Casa de Madeira”, 0,48 x 0,59, fotografia, CR\$ 450,00
- 7 – Juca de Lima, “O Guardião Desmembrado”, 0,92 x 0,93, pintura, CR\$ 2.000,00
- 8 – Leonam Nogueira Fleury, “Pintura nº 2”, 1,39 x 1,04, CR\$ 3.000,00
- 9 – Lucy de Sousa Borges, (Yashira) “Homenagem nº III”, 1,23 x 0,81, colagem, CR\$ 2.000,00
- 10 – Maria Eugênia Pedrette, (Minnie Sardinha), “Pé de Gato”, 1,20 x 1,60, tapeçaria, CR\$ 700,00
- 11 – Neuma Gusmão Lima Sá, “Forma Rompida”, 1,16 x 0,88, gravura, CR\$ 500,00
- 12 – Ricardo Torres, “Crianças”, 0,37 x 0,53, colagem, CR\$ 500,00
- 13 – Roosevelt de O. Lourenço, “Básculo 02”, 1,01 x 0,81, pintura, CR\$ 2.000,00
- 14 – Vanda Pinheiro Dias, “Gravura nº1”, 1,92 x 0,98, gravura, CR\$ 3.500,00
- 15 – Whashington H. Rodrigues, “Aglomerado nº 2”, 1,40 x 0,84, Pintura, CR\$ 2.000,00

Tendo em vista que os prêmios de viagem implicavam na permanência de uma obra do autor no acervo da Rede Globo, o Júri indicou as seguintes obras:

Rubem Valentim, “Emblema IX Logotipo Poético”, 1,20 x 0,73; Fig. 1.

Siron Franco, “Os Sobreviventes nº 3”, 1,83 x 1,37; Fig. 2.

Cléber Gouveia, “Umbilical Prestes a Romper”, 1,20 x 1,20; Fig. 3.

Heleno Godoy, “Gravura nº 2”, 1,50 x 1,50. Fig. 4.

Antônio Wanderley e Rosane Marie, “Bujões”, proposta. O Júri sugeriu o registro fotográfico, que pertenceria à Rede Globo e poderia ser exposto em futuras mostras. Fig. 5.

De toda a relação, só não constam em verbetes no livro de FIGUEIREDO, Aline, 1979, os seguintes participantes: Luiz Geraldo Nascimento, Victório R. Gomes, Edmun Irineu P. Rocha, Reinaldo Lima, Oswaldo Cruz. As localidades e idades dos artistas foram pesquisadas nesta obra, em MENEZES (1978) e nos sites dos artistas e do Instituto Cultural Itaú. A Ata registra também todos os artistas que foram selecionados e portanto expositores. Segue a lista dos artistas e respectivas idades:

Residentes em Goiânia:

Pintura: Antônio Péclat (60), Nazareno Confaloni (56), Cleber Gouveia (31), Siron Franco (26), Enéas Silva (27), Roosevelt (26), Juca de Lima (47), Whashington Rodrigues (36), Leonam Fleury (22), Maluba (33). Desenho: Brasileu Cardoso (37). Gravura: Heleno Godoy (27), Mauro Ribeiro (22), D.J. Oliveira (41), Vanda Pinheiro (43). Escultura: Angelus Ktenas (36), Gustav Ritter (69), Maria Guilhermina (41). Objeto: Yashira (38).

Residentes no D.F e cidades satélites:

Pintura: Ângela Andrade, Charles Mayer (40), Douglas Marques de Sá (34), Francisco Correia, Felix Barrenechea Avilez (52), Hélio Alves (41), Lauro Nascimento (35), Luiz Jungmann (Girafa) (23), Luiz Carlos de Sá (27), Luiz Rochadel (21), Marcelo Montiel (17), Maria Luiza Centeno (48), Massanori Uragami (55), Milton Ribeiro (51), Oswaldo Cruz Marques (36), M. Kalil (47), Ricardo Torres (23), Rubem Valentim (51), Solange Escosteguy (38), Takashi Miura (31). Desenho: Marcus Vinícius Gonzaga (31). Gravura: Armindo Leal Marques (37), Elmira Hermano Rocha (40), Gusbeck Goffredo (59), Neuma Gusmão de Sá (24), Thomas Tillman Ritter (38). Escultura:Oswaldo Cruz Marques (36), João Frank da Costa (48). Tapeçaria: Adelina Alcântara (50), Minnie Sardinha (30), Ricardo Aratanha. Fotografia: Antônio Tadeu Veiga (19), Joaquim Paiva. Objeto: Miro Hristov (50), Romeo Zero. Proposta: Equipe Antônio Vanderley Santos Amorim (20) e Rosane Marie Alvim Carneiro (19).

Artistas de localização desconhecida:

Pintura: Victorio Gomes, Vanderlei Fuzzeto, Vera Lúcia Frota Martins, Luis Geraldo Nascimento. Talha; Elizabeth Lobo e Oliveira. Tapeçaria: Helena Pereira Barreto. Desenho: Edmun Irineu Rocha, Reinaldo Lima.

5 | REPERCUSSÃO

Pelas categorias propostas no edital, pelo perfil dos jurados e também pelo trabalhos premiados é possível ver que pretendiam levantar arte não acadêmica ou contemporânea, mas aparentemente não se inscreveram ou não foram selecionadas as propostas de vanguarda tais como as que estavam acontecendo no período em mostras e eventos no Rio de Janeiro, São Paulo ou Belo Horizonte. Mas o mesmo ocorria nos salões nacionais, até os dos grandes centros e na própria Bienal de São Paulo do começo dos anos 1970. Pode-se citar como exceção no I Salão Global da Primavera, o trabalho premiado em 5º lugar, que era uma instalação com bujões de gás, bastante contemporânea. No entanto ela causou estranheza ao público, que demonstrou pouca intimidade com a arte contemporânea. Olívio Tavares (1973, p. 20), relata que houve reação de parte do público, com “risinhos”, além de indagações irônicas de outros concorrentes na cerimônia de abertura, no anúncio da premiação do trabalho acima referido. E até de jornalistas, mencionando a omissão sistemática deste prêmio por parte de um jurado de Brasília em sua coluna no jornal, ao discorrer sobre a relação de premiados. Inusitada também a insistência de cantores e compositores que “teimavam” em tentar se inscrever e concorrer aos prêmios no I Salão Global da Primavera com suas músicas, surdos às explicações de que aquela modalidade artística, música popular, não era do escopo do salão de artes plásticas (Ângela Farias, Jornal de Brasília, 19/10/1973, p. 23). Nesta matéria comentava-se ainda o inconformismo dos concorrentes com a premiação, aliás, coisa comum, que ocorre em praticamente todos os salões. Normalmente as premiações agradam aos poucos

premiados e desagradam à grande porcentagem dos participantes inscritos, que não são selecionados e nem premiados.

Conforme visto anteriormente, todas as obras premiadas deveriam ser reunidas no acervo da Rede Globo. No entanto, constatou-se que só existem na Coleção Roberto Marinho a obra premiada de Rubem Valentim e as 03 obras inscritas de Cleber Gouveia, conforme informação de Joel Coelho, coordenador da Coleção (Informação por meio eletrônico em 30/05/2017).

Aliás é interessante notar que no registro deste acervo da Coleção Roberto Marinho, a obra premiada, conforme a ata, “Umbilical prestes a romper”, não corresponde à foto que está publicada no catálogo do I Salão Global da Primavera. Esta, no acervo, tem o título “Elo não encontrado”. Conforme pode-se observar no referido acervo, os títulos estão escritos à mão, provavelmente pelo autor, nos versos da obras, junto com a assinatura. Então, na publicação do catálogo, houve confusão, mas a Coleção Roberto Marinho abriga todo o conjunto premiado, ou seja, as 3 obras inscritas.

Nas dependências da Rede Globo de Brasília não constam tais obras dos premiados. Foram sondadas várias instituições das entidades realizadoras que, como os artistas entrevistados, premiados no evento, declararam não ter conhecimento do paradeiro das obras premiadas.

Todos os entrevistados participantes, de Goiás e de Brasília afirmaram que o fato de ser realizado pela Rede Globo, com a capacidade de visibilidade que o salão poderia oferecer, além do contato com jurados de Bienal de São Paulo, os tinha atraído e que sua premiação ou seleção alavancaram suas carreiras e, de fato, os convites para exposições individuais nos grandes centros aconteceram e tiveram muita visibilidade com o evento.

A visibilidade e o contato com os jurados do I Salão Global da Primavera contribuíram decisivamente para a projeção ou carreira nacional do artista Siron Franco, segundo ele mesmo admitiu em entrevista. Naquela oportunidade conheceu o crítico Jayme Maurício, que foi jurado daquele salão, com quem o artista teve longa relação profissional, inclusive o considerando como seu mentor intelectual, conforme declarou, completando que admirava Maurício pela sua extensa cultura, conhecimento em arte e generosidade. Alguma notoriedade o artista já tinha pois, como informado anteriormente, foi convidado por Auler, em sua coluna no jornal, a se inscrever no Global. Siron já havia conquistado anteriormente um prêmio na categoria desenho, na II Bienal de Artes Plásticas da Bahia, em Salvador, 1968, que foi censurada e ficou poucos dias em exposição, e havia realizado uma exposição no Iate Clube do Rio de Janeiro, elogiada pelo crítico Walmir Ayala, em 1972, além de outras com menos impacto. Mas um ano após o I Salão Global, conquistou os prêmios de pintura na Bienal Nacional de São Paulo e na XIII Bienal Internacional de São Paulo, 2014 e 2015, e nos mesmos anos as premiações máximas no Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, além de exposições individuais em museus e galerias importantes

6 | CONCLUSÃO

Pode-se dizer que o I Salão Global da Primavera teve êxito em grande parte de seus propósitos, tais como realizar um levantamento da arte produzida no Distrito Federal e no estado de Goiás, com grande número de inscrições, divulgar e proporcionar visibilidade aos artistas jovens e aos veteranos, em termos locais e nacionais e permitir ao público a fruição de obras de arte. É importante considerar o intercâmbio cultural que foi possível acontecer no evento, principalmente com as mostras nas duas regiões.

Contribuiu o salão para que seus artistas selecionados e premiados tivessem convites por parte de galerias dos grandes centros a realizarem exposições individuais naquelas cidades e permitiu a estes que fossem vistos pelos jurados que além dos mais importantes salões nacionais, também todos julgavam Bienais de São Paulo. Como diz Oliveira, os jurados premiam o que conhecem (2009, p. 140) .

No I Salão Global da Primavera, os artistas de Goiás saíram com críticas mais favoráveis que os de Brasília na opinião dos jurados Jayme Maurício e Olívio Tavares, que escreveram em O Globo e Revista Veja, respectivamente.

Um dos aspectos que pode não ter logrado sucesso foi a expectativa dos artistas (e governos apoiadores) de que suas obras premiadas integrassem o Acervo da Rede Globo.

Outro aspecto a ser considerado foi a falta de trabalhos que dialogassem mais com a estética das vanguardas do período, que parecia ser um dos objetivos da empreitada, observáveis nas próprias modalidades do salão, tais como objeto, proposta e outras formas de expressão artística de vanguarda, divulgadas nas matérias chamando para as inscrições do salão na imprensa escrita e regulamento do mesmo.



Fig. 1 - Rubem Valentim

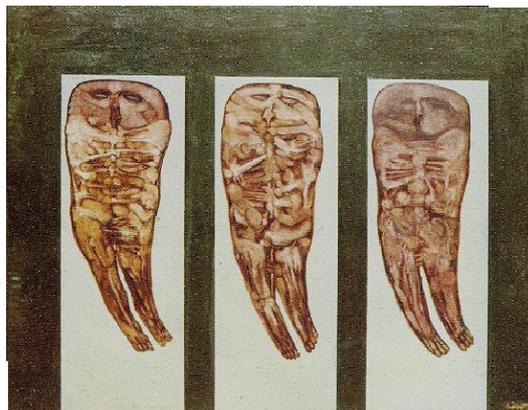


Fig. 2 – Siron Franco

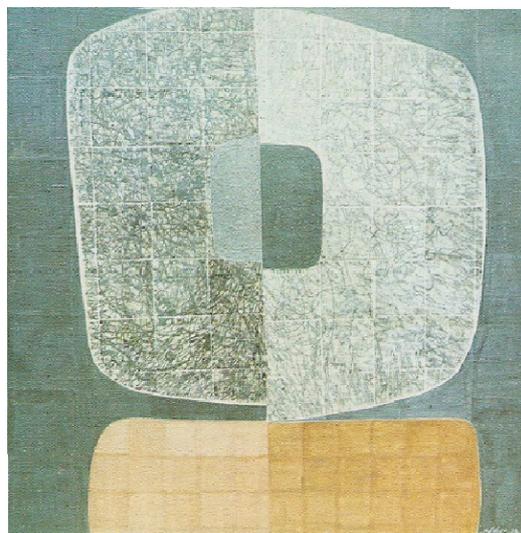


Fig. 3 – Cleber Gouveia

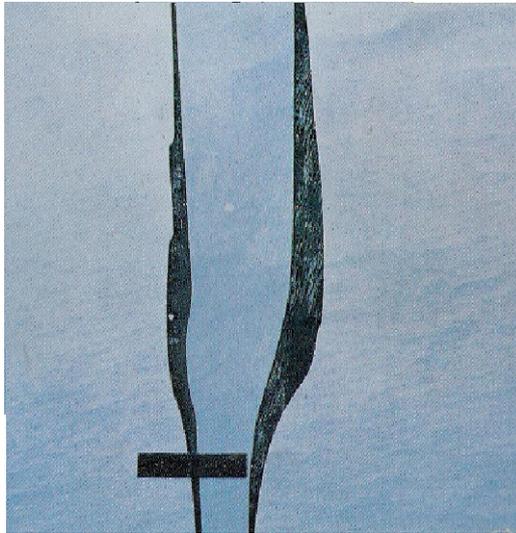


Fig 4 – Heleno Godoy



Fig. 5 – Antonio W. e Roseane M.

REFERÊNCIAS

AULER, Hugo. **Atelier**. *Correio Brasiliense*, Brasília: 05/12/1973, 8ª p, Caderno 2.

BULHÕES, Maria Amélia. **Sistemas de Ilusão: institucionalizações que não se evidenciam**. In: MARTINS, Alice F. COSTA, Luís E. MONTEIRO, Rosana H. (orgs). *Cultura visual e desafios da pesquisa em artes*. Goiânia: ANPAP, 2005.

_____, M. A. **O sistema da arte mais além de sua simples prática**. In: *As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil*. BULHÕES, Maria A. (org.). Porto Alegre: Zouk, 2014.

_____, Maria Amélia. **Considerações sobre o sistema das Artes Plásticas**. In: *Porto Arte*, v.1, n.1, maio de 1990. Porto Alegre: I.A. UFRGS, 1990.

CATTANI, Icleia. **Os salões de arte são espaços contraditórios**. In: FERREIRA, Glória (org). *Crítica de Arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

COELHO, Aguinaldo C. C. de A. **Salões e Sistema da Arte: Os Salões da Caixego nos anos 1970**. Tese de Doutorado. Programa de Pós - Graduação em Arte e Cultura Visual FAV-UFG. Goiânia: 2015. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5048>>

FIGUEIREDO, Aline. **Artes Plásticas no Centro Oeste**. Cuiabá: UFMT, MACP, 1979.

HEINICH, Nathalie. **Práticas da arte contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico.** In: *Sociologia&Antropologia*: Rio de Janeiro, v.04.02: 373 – 390, outubro, 2014.

LEITE, J. R. Teixeira et al. **Seis Décadas de Arte Moderna na Coleção Roberto Marinho.** Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1985.

MAURÍCIO, Jayme. **Encontro nas Artes Plásticas.** *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro: 28/12/1973, Geral, p. 3.

MENEZES, Amaury. **Da Caverna ao Museu: Dicionário das Artes Plásticas em Goiás.** Goiânia: FUNPEL, 1998.

MORAIS, Frederico. **Do Corpo à Terra.** In: FERREIRA, Glória (org). *Crítica de Arte no Brasil: temáticas contemporâneas.* Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

MORICI, Carlos. **Yves – A Tirania do Bem.** São Paulo: Globo, 2006.

OLIVEIRA, Emerson D. G. **Memória e Arte: a (in)visibilidade dos acervos de museus de arte contemporânea brasileiros.** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

_____, Emerson D. G. **Arte e identidade nos salões de arte nos anos 1960.** In: OLIVEIRA, E. D. G. & COUTO, M.F.M.; *Instituições de Arte.* Porto Alegre: Zouk, 2012.

_____, Emerson D.G. **A Arte de Julgar: apontamentos sobre os júris de salões brasileiros nos anos de 1960.** In: COUTO, M. F. Morethy & CAVALCANTI, A. M. T. & MALTA, M. (orgs). XXXI Colóquio CBHA 2011 – *[Com/Com] tradições na História da Arte.* Campinas: UEC, 2011.

TAVARES, Olívio. **“Surpresas Goianas”.** *Revista Veja*, São Paulo: 28/11/73, p. 130 – 133.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **XII Bienal Internacional de São Paulo.** Catálogos. Governo do Estado de São Paulo: 1973. Disponível em: <<http://issuu.com/bienal/docs/namee1bdf4>> acesso em: 20/11/2013.

I BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS DE GOIÁS – Catálogo. Goiânia: 1970.

I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – Catálogo. Brasília: Rede Globo e O Globo, 1973

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

